Dia 22 — Santa Maria Madalena

Santa Maria Madalena, tão célebre no Evangelho por sua inseparável adesão à pessoa de Cristo e por sua dolorosa penitência, foi originária de Betânia, povoado reduzido, a três quartos de légua de Jerusalém, moradia ordinária de sua família. Segundo Santo Antonino, seu pai se chamou Siro e sua mãe Eucária, muito conhecidos entre os judeus, tanto por seus muitos bens de fortuna como pelo distinto papel que faziam na província. Tiveram um filho e duas filhas: Lázaro, que foi o primogênito, Marta e Maria.

Mortos o pai e a mãe, os irmãos repartiram entre si a fazenda; a Lázaro e a Marta tocou-lhes a que havia em Betânia e nas cercanias de Jerusalém, e a Maria coube-lhe o castelo de Magdalon, ou de Magdala, situado na província da Galileia. Ficou por algum tempo em Betânia com seu irmão e sua irmã, os quais, reconhecendo a excessiva vivacidade de seu gênio e a violenta inclinação que mostrava à profanidade, à diversão e ao desafogo, fizeram quanto puderam para inspirar-lhe o santo temor de Deus, a modéstia e a compostura própria de seu sexo.

Mas aproveitou pouco seu zelo; cansou-se logo Maria de uma vida tão regrada e resolveu sacudir de si aquele pesado jugo. A seu natural vivo e orgulhoso, a seu espírito brilhante, a seu coração inteiramente mundano, acompanhado tudo de uma rara formosura, tornava-se-lhe insuportável a vigilância de uma irmã que fazia pública profissão da mais ajustada virtude. Tomado, pois, seu partido, retirou-se a seu castelo de Magdala, na Galileia, como a própria possessão que lhe havia tocado em sua legítima. Ali esqueceu muito depressa tanto as lições como os exemplos de seus pais e de seus irmãos. As frequentes visitas de muita gente moça e divertida, seu desembaraço e sua desenvoltura, algo maior do que fora justo; certos modos um pouco mais livres do que permitia a modéstia fizeram pouca mercê a sua reputação, sendo sua paixão dominante a de parecer bem e ter muitos cortejos. Já não pensava Madalena em outra coisa que em divertir-se: as galas, os perfumes, as joias mais requintadas davam maior lustre a sua formosura natural; e, abusando de sua liberdade, em breve tempo foi o escândalo público de toda a província. Por aquele tempo, pouco mais ou menos, começava o Salvador a encher toda a Judeia do ruído de seus milagres e de sua santidade: Lázaro e Marta foram dos primeiros discípulos que se agregaram e clamaram incessantemente a sua piedade pela conversão de uma que levava uma vida tão licenciosa e tão perdida. Ouviu benignamente o Filho de Deus seus piedosos rogos e, como havia vindo ao mundo singularmente pelos pecadores, moveu o coração daquela insigne pecadora. Pregava em Betsaida e em Cafarnaum, não longe do castelo de Magdala, quando, movida Madalena das maravilhas que ouvia dizer daquele grande Profeta, foi ouvi-lo por curiosidade. Apenas o ouviu, ficou convertida. Alumiou a graça seu entendimento, penetrou seu coração e no mesmo ponto concebeu tanto horror de suas culpas que não dilatou nem um só instante a penitência. Informou-se onde podia encontrar o Salvador e soube que estava convidado aquele dia a comer em casa de Simão, o

fariseu, com tudo o mais granado e mais distinto da cidade. Eram delicadas as circunstâncias; mas não se deteve Madalena. Logo que teve notícia de que Jesus Cristo estava já em casa de Simão, tomou um vaso de alabastro cheio de um bálsamo requintado e, sem dar ouvidos ao espírito do mundo, nem a sua delicadeza, nem a outras mil frívolas razões, entra na sala do convite e, vendo o Salvador recostado num daqueles leitos, ou canapés, que usavam em suas mesas os judeus, não se atrevendo a olhá-lo cara a cara, arrojou-se a seus sagrados pés por trás e, despedaçado o coração com a força da dor e do amor, rega-os com suas lágrimas, enxuga-os com seus cabelos, unge-os com o precioso bálsamo e beija-os com respeito, mostrando sua contrição e sua terna confiança.

Vendo isto o fariseu, inclinado sempre a lançar tudo à pior parte, e notando a bondade com que o Salvador sofria a seus pés aquela pecadora, dizia consigo: «Se este homem fosse profeta, saberia quem era a mulher que lhe está beijando os pés e banhando-os com suas lágrimas.» Lia o Salvador tudo o que se passava no coração e no pensamento do fariseu; e, querendo que ele mesmo fosse o defensor daquela mulher de quem fazia tão mau conceito, disse-lhe esta parábola: «Simão, quero saber teu parecer no que te vou propor. A certo credor lhe deviam dois sujeitos, um quinhentos reais de prata, e outro cinquenta. Nem um nem outro tinham com que pagar, e a um e a outro lhes perdoou tudo o que lhe deviam: dize-me, qual destes deve amar mais e estar mais agradecido ao generoso credor?» «É claro — respondeu Simão — que aquele a quem perdoou maior quantia.» «Muito bem respondeste — replicou o Salvador e, assinalando a Madalena, acrescentou —: Vês esta mulher? Pois faze reflexão ao que fez e sentencia depois sem paixão. Quando entrei em tua casa, nem se te ofereceu sequer apresentar-me um pouco de água para lavar-me os pés, e ela mos lava com suas lágrimas. A ti não te passou pela imaginação derramar sobre minha cabeça aqueles odoríferos perfumes que se usam e não se escasseiam nos convites; e ela derrama sobre meus pés um precioso bálsamo, de cujo suave odor está cheia toda a casa. Portanto, não te admires de que se lhe tenham perdoado muitos pecados, porque verdadeiramente amou muito. Até agora ninguém me buscou senão para que o sarasse das enfermidades do corpo; mas esta mulher se prostrou a meus pés somente para que a curasse das feridas da alma.» E, voltando-se depois àquela ilustre penitente, disse-lhe: «Vai, filha minha, tua fé e tua confiança te salvaram; e tuas culpas ficam perdoadas.»

Não houve jamais perdão mais assinalado nem tampouco mais perfeita conversão. Apoderou-se o divino amor do lugar que ocupava o amor profano e abrasou desde logo aquele nobre e generoso coração. Não teve o Salvador discípula mais fervorosa, que mais gostasse de seu celestial ensino nem que se aproveitasse mais de suas divinas instruções.

Facilmente se deixa discorrer o gozo de Lázaro e de Marta quando tiveram notícia da milagrosa mudança de sua irmã. Nem nossa santa se descuidou em dar-lhes logo as melhores provas dela em seus fervorosos exemplos: imediatamente se pôs a caminho para Betânia, onde lhes referiu as piedades e as maravilhas que o Salvador havia obrado com ela. Desde então a fiel discípula não perdeu ocasião alguma de ouvir as lições de seu divino Mestre, a quem sempre tinha presente em seu espírito quando não podia estar a seus pés. Este amor à contemplação ocasionou-lhe certa queixinha da parte de sua irmã. Como o Filho de Deus amava tanto aquela virtuosa família, foi hospedar-se em sua casa, e Marta fazia tudo o possível para tratar tal hóspede como era razão. Enquanto ela andava dentro da casa daqui para ali dando providências, Maria Madalena estava

muito tranquilamente sentada aos pés de Cristo, sem pensar mais que em ouvi-lo e em aproveitar-se do que lhe ouvia. Como viu Marta que a irmã não se movia, encarando o Salvador, disse-lhe com ingenuidade: «Senhor, pois não vedes que minha irmã me deixa só, querendo que eu o faça tudo? Dizei-lhe, rogo-vos, que se levante e que venha ajudar-me.» Tomou daqui ocasião Jesus Cristo para ensinar-lhe aquela grande verdade, que é como o compêndio da moral cristã, e respondeu-lhe: «Marta, Marta, tu andas muito solícita, inquieta e embaraçada em muitas coisas; crê-me que uma só é necessária e que Maria escolheu a melhor.» Como se dissera, explica Santo Agostinho: não condeno tua caridade nem teu zelo; mas não posso aprovar tua inquietação. Sempre é repreensível o trabalhar com afã e com dissipação; tua irmã está melhor ocupada que tu, pois se aplica ao mais perfeito, que é o espiritual alimento de sua alma.

Retirado o Filho de Deus na Galileia para evitar o furor dos judeus, adoeceu Lázaro de morte. Agravou-se-lhe a enfermidade, e as duas irmãs acudiram ao Médico celestial; despacharam-lhe um próprio com este breve e significativo recado: «Senhor, o que amas está enfermo.» Quando o expresso chegou, já Lázaro havia morrido; e o Salvador não chegou a Betânia até quatro dias depois de seu enterro e funerais. Fez adiantar a nossa santa a notícia de sua vinda e, saindo-lhe a receber, disse-lhe banhada em lágrimas: «Senhor, se tivésseis estado aqui, não teria morrido meu irmão.» Mostrou-se enternecido o Salvador e ressuscitou a Lázaro a rogos das duas irmãs.

Não parecia possível amor de Deus mais aceso, mais generoso nem mais terno que o desta fina amante de Jesus. Seguia-o quase a todas as partes para aproveitar-se de suas instruções e para cuidar de seu sustento com suas esmolas. De ordinário os evangelistas a nomeiam a primeira entre as mulheres que seguiam o Salvador. São Lucas e São Marcos, falando em particular de Maria Madalena, dizem que esta foi aquela fiel discípula da qual lançou Jesus sete demônios; o que explicam muitos padres antigos dizendo que lhe perdoou muitos pecados, extinguindo nela com sua graça o espírito mundano, o espírito impuro, o espírito de orgulho, o espírito de independência, o de profanidade, o de ociosidade, o de regalo e o de delicadeza. O certo é que não malograva meio, ocasião nem oportunidade de manifestar-lhe seu respeito, seu amor e seu reconhecimento.

Estando o Salvador em Betânia, seis dias antes da última Páscoa, convidou-o a comer um dos mais ricos vizinhos do povoado, chamado Simão, a quem o mesmo Senhor havia curado da lepra. Era Lázaro um dos convidados; Marta servia à mesa; e Maria, atenta sempre e sempre desvelada em dar a seu divino Mestre quantas provas lhe eram possíveis de seu reconhecimento e de seu respeito, tomou de sua conta os perfumes, que entre os judeus eram todo o lucimento da festa. Tomou uma libra do óleo de nardo, escolhendo o mais precioso, por ser destilado, não da folha, mas da espiga daquela planta. Fechou-o muito bem num vaso de alabastro e, entrando na sala onde comiam os convidados, derramou-o todo sobre os pés do Salvador, enxugando-os depois com seus cabelos e tendo-se por muito ditosa de ter empregado tão bem aquela preciosa essência.

Encheu-se toda a casa de fragrância; mas os que tinham menos fé, ou não eram tão devotos, censuraram sua prodigalidade, dizendo que um perfume tão custoso, como que valia trezentos dinheiros de prata, teria estado melhor empregado se se houvesse vendido e repartido seu preço entre os pobres. Como o Filho de Deus penetrava intimamente o mais reservado daqueles malignos corações, tomou por sua conta a defesa de nossa santa: «O que acaba de fazer (disse) será perpetuamente louvado; e isso que vós qualificais de excessiva profusão é prova de sua muita

piedade. O mesmo que vós costumais fazer com os cadáveres dos defuntos fez antecipadamente comigo esta piedosa mulher, adiantando este ofício alguns poucos dias a minha próxima sepultura.»

Mas o teatro onde mais se acreditou e onde mais resplandeceu o fogo do divino amor que abrasava Madalena foi na paixão de Jesus Cristo e no monte Calvário. Embora os demais discípulos o desamparassem e se espalhassem logo que viram preso seu divino Pastor, nenhum respeito nem temor foi bastante para que a intrépida e amante Madalena perdesse de vista seu amado Mestre. Seguiu-o a todos os tribunais e, acompanhando inseparavelmente sua santíssima Mãe, achou-se com esta Senhora ao pé da cruz, onde teve a ventura e a dor de ver expirar seu adorado dono. É tradição tão antiga como respeitável que recolheu com a maior veneração uma porção de terra empapada no sangue do Salvador e que guardou este precioso tesouro numa ampola, que hoje se conserva e se adora em São Maximino da Provença.

Se o amor de Madalena a seu celestial Mestre houvesse sido menos aceso e menos generoso depois que o viu expirar, ter-se-ia contentado com chorá-lo na solidão de seu retiro. Mas nossa santa não limitou precisamente as finezas de seu amor às demonstrações do pranto. Não se afastou da cruz nem se retirou a Jerusalém até que se deu sepultura ao Salvador e acompanhou o corpo ao mesmo sepulcro, com intento de voltar a render-lhe as últimas honras logo que passasse a festividade do sábado. É bem sabida a pressa que se deu a madrugar aquele dia, chegando ao sepulcro ao romper da aurora. Representavam-lhe as companheiras que era imprudência pretender forçar, por dizê-lo assim, uma companhia de soldados que guardavam o corpo e que parecia insigne temeridade presumir ela só remover uma grande lousa que mal teriam podido mover muitos homens juntos e que além disso estava selada com o selo do soberano. Não conhece estorvos o fogo do divino amor, e assim nada acovardou Madalena, nem foi bastante para detê-la um momento; havia aplainado o Salvador todas as dificuldades com sua ressurreição; mas ela não o sabia. Correu, voou Madalena ao sepulcro e já o encontrou aberto. Como não viu o sagrado corpo de seu divino Mestre, abandonou-se aos suspiros e ao mais amargo pranto. Viu dois anjos vestidos de branco junto ao sepulcro, que lhe perguntaram o motivo de sua dor e de suas lágrimas: «Choro — respondeu-lhes Madalena — porque tiraram daqui o corpo de meu Senhor e não sei onde o puseram.» As outras santas mulheres companheiras suas, e até os mesmos santos apóstolos, voltaram muito desconsolados; mas Madalena perseverou constante sem desistir da empresa, fazendo diligências por todo o horto onde estava o sepulcro e buscando o sagrado corpo por todas as partes com dor e com inquietação; entrava a cada instante no lugar do mesmo sepulcro, sem poder sossegar, e cada vez que não o encontrava se lhe renovava o pranto; mas não tardou o Salvador em premiar tão fina e tão generosa constância; voltou a um lado a cabeça Madalena e viu em pé a Jesus, embora não o conheceu, o qual lhe disse: «Mulher, por que choras tanto?» Ela, crendo que fosse o hortelão, respondeu: «Senhor, se tu o levaste, dize-me onde o puseste, que eu o buscarei e o retirarei.» Movido então o Salvador daquele amor fino e terno, não fez mais que chamá-la por seu nome, dizendo-lhe esta só palavra: «Maria»; e, reconhecendo por ela a generosa amante que era o mesmo Jesus, exclamou fora de si: «Ah, Mestre meu!» E, querendo arrojar-se a seus pés para abraçá-los, o Senhor lho estorvou, para dar-lhe a entender, como diz São Leão, que já era tempo de que, elevando-se sobre os sentidos corporais, o olhasse com os olhos da fé, considerando-o como se já estivesse sentado no céu à destra de Deus Pai. Somente lhe acrescentou: «Vai e vai depressa contar o que viste a meus irmãos.»

Agradeceu Maria esta ordem como uma prova especial do amor que lhe tinha seu divino Mestre; e com efeito se deve contar esta aparição por um dos mais assinalados favores que recebeu de Jesus Cristo. Teve depois o consolo e a ventura de vê-lo e de ouvi-lo muitas vezes; e, como era inseparável companheira da Santíssima Virgem, achou-se a seu lado no monte Tabor quando seu divino Filho subiu triunfante aos céus. Era seu ânimo passar o restante de sua vida acompanhando em seu retiro a Mãe do Salvador, a quem amava e respeitava como a mãe sua; mas, tendo-se suscitado a perseguição dos judeus contra os discípulos de Jesus e tendo tirado a vida ao protomártir Santo Estêvão, viram-se obrigados os fiéis a sair de Jerusalém. Lázaro e suas irmãs eram o objeto principal de seu furor, não podendo sofrer aquele obstinado povo ter à vista um testemunho tão palpável do poder de Jesus Cristo, que continuamente lhes estava dando no rosto com sua impiedade e com seu deicídio. Temerosos de que, se lhe tirassem a vida, o veriam segunda vez ressuscitado, contentaram-se com desterrá-lo da Judeia. Diz-se que a ele e a suas duas irmãs Marta e Maria, com Marcela, sua criada, e com Maximino, um dos setenta e dois discípulos, os meteram num navio sem leme, sem mastros, sem velas e sem aparelhos, e que desta maneira os deixaram à mercê das ondas no Mediterrâneo, expondo-os a um evidente naufrágio; mas a providência do Senhor destinava aquela bem-aventurada tropa e a conduzia milagrosamente a um país que era de seu particular agrado.

É antiga e constante tradição, autorizada pela mesma Igreja, que o navio entrou daquela maneira no porto de Marselha e que, atônitos os gentios à vista da maravilha, ela mesma serviu para dispor os ânimos a ouvir com assombro e com docilidade uma gente a quem o céu protegia com tão visível prodígio. Logo que puseram pé em terra, anunciaram a fé de Jesus Cristo em toda a cidade, assinalando-se sobre todos o zelo e o fervor de Madalena. Desde logo captou esta a admiração universal por seu continente, por sua eloquência e por seus milagres, escolhendo para pregar a praça mais vizinha ao grande templo de Diana, aonde todos os dias concorria o povo em tropel, e cada dia conquistava novas almas para Jesus Cristo. No mesmo sítio onde a santa pregava vê-se hoje uma capela muito antiga dedicada em honra sua, como a duzentos passos do famoso templo de Diana, que é hoje a igreja catedral, consagrada a Deus e dedicada à Santíssima Virgem com o título de Santa Maria Maior. Na célebre abadia de São Vítor vê-se também uma profunda gruta aberta numa penha, onde se assegura que se retirava a santa pelas noites, passando-as em oração durante o tempo que trabalhou na salvação das almas. O certo é que os fiéis dos primeiros tempos se juntavam naquele lugar subterrâneo para assistir ao divino sacrifício.

Mas, vendo Madalena que havia abraçado a fé uma parte da cidade e que São Lázaro, a quem os apóstolos haviam sagrado bispo antes de partir de Jerusalém, estava encarregado daquela igreja pela divina Providência, atirando-a sempre sua inclinação à vida contemplativa, determinou acabar a sua em alguma solidão. Achou-a logo, e muito a medida de seu desejo. Há a oito léguas de Marselha um espantoso deserto que termina numa elevada montanha, em cujo centro se abre uma dilatada gruta bastantemente profunda, e este foi o sítio que nossa santa escolheu para sua moradia. Nele fez uma vida celestial por espaço de trinta anos, empregada em contínuas comunicações com Deus e sem outra conversação que com os anjos. Foi extrema sua penitência, sendo sua cama a dura rocha e sua comida as ervas ou as raízes que se criavam ao redor da gruta.

Ao cabo de trinta anos de uma vida tão santa, tão prodigiosa e tão penitente, teve revelação do dia e da hora em que devia partir para voltar a juntar-se no céu com aquele divino Salvador a quem

havia amado tão finamente na terra. Por ministério dos santos anjos foi milagrosamente trasladada a um oratório distante duas léguas de sua gruta, onde se retirava São Maximino, de cujas mãos recebeu a sagrada Eucaristia e nelas expirou tranquilamente, indo ao céu a receber o prêmio correspondente a seu abrasado amor de Jesus Cristo e a sua admirável penitência. Foi enterrada naquele mesmo sítio, e nele fundou a devoção de Carlos II, rei da Sicília, a magnífica igreja dedicada à mesma santa, com um convento de religiosos dominicanos, a quem o mesmo piedoso monarca quis fazer dignos depositários de tão precioso tesouro. Veneram-se as relíquias da santa sobre o altar-mor, dentro de uma urna de pórfiro, presente do papa Urbano VIII, aonde foram trasladadas com grande solenidade no ano de 1660, em presença do rei da França Luís, o Grande, e de toda a sua corte, pelo arcebispo de Avinhão, João Batista Marini.

A cabeça da santa, engastada num precioso relicário de ouro, guarda-se na capela subterrânea que está no meio da nave; e também se vê um osso de seus braços, com seus cabelos, dentro de uma ampola de cristal, que se mostram muitas vezes ao dia para satisfazer a devoção dos peregrinos e forasteiros que concorrem em grande número. Nem a gruta que na França se chama o Santo Bálsamo é menos frequentada que a igreja onde descansam seus ossos, crescendo cada dia o concurso dos fiéis à vista dos benefícios que recebem de Deus por sua intercessão.

As relíquias de Santa Madalena que se guardam no convento de Vézelay, na Borgonha, podem ser alguma porção das que há em São Maximino. Invejosos os gregos de que a igreja latina possuísse este inestimável tesouro, logo que se separaram dela, saíram com a invenção de que São Lázaro, Santa Marta e Santa Madalena haviam morrido em Éfeso, espécie de que até então não se haviam lembrado. Assim, pois, tem muita razão a Provença para gloriar-se de que ela a possui, fundada numa tradição venerável por sua antiguidade, autorizada com manuscritos antigos do sexto século que se guardam nas igrejas de Toulon e de Senez; com o testemunho de Sigeberto, monge de Gembloux, de Honório de Autun, de Gervásio de Tilbury e de outros muitos autores antigos; mas singularmente com a autoridade de muitos grandes papas, como Bento X, João XXII, Gregório XI, Clemente VII, Eugênio IV, Sisto IV, Adriano VI e Urbano VIII, que com suas bulas fizeram como certa uma tradição tão constante.

Martirológio Romano

Em Marselha, a festa de Santa Maria Madalena, de cujo corpo lançou o Senhor sete demônios e que mereceu ver a primeira o Salvador ressuscitado dentre os mortos.

Em Filipos, Santa Síntique, da qual falou o apóstolo São Paulo.

Em Ancira, na Galácia, a festa de São Platão, mártir, mandado açoitar pelo lugar-tenente Agripino; dilacerado logo com unhas de ferro e atormentado com outros suplícios horrorosos, perdendo por último a cabeça a fio de espada, entregou ao Senhor uma alma que nada pôde fazer vacilar. O segundo concílio de Niceia atesta os milagres feitos por nosso santo em alívio dos cativos.

Na ilha de Chipre, São Teófilo, pretor, que, apanhado pelos árabes e não tendo podido conseguir-se dele nem com dons nem com ameaças que renegasse Jesus Cristo, foi ao cabo passado a cutelo.

Em Antioquia, São Cirilo, bispo, célebre em ciência e santidade.

Na Alvérnia, São Menelau, abade.

No mosteiro de Brandeburgo , São Wandrille, abade, ilustre por seus milagres.

Em Citópolis, na Palestina, São José, conde.

Em Besançon, São Donato, bispo, que compôs uma regra para religiosos.

Na África, o natalício dos santos mártires Maxulitanos. Santo Agostinho compôs dois sermões sobre sua festividade.

No Oriente, o falecimento de Santa Atanásia, esposa de Santo Andrônico.

Missa (oração)

A missa é em honra da santa, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Beatæ Mariæ Magdalenæ, quæsumus, Domine, suffragiis adjuvemur; cujus precibus exoratus, quatriduanum fratrem Lazarum vivum ab inferis resuscitasti. Qui vivis et regnas...*

Português: Suplicamo-vos, Senhor, que sejamos ajudados pela intercessão da bem-aventurada Maria Madalena, a cujos rogos ressuscitastes a seu irmão Lázaro, depois de quatro dias morto. Vós que viveis e reinais...

Epístola

A epístola é do capítulo 3 e 8 do livro dos Cânticos.

Cântico dos Cânticos 3,2-5; 8,6-7

>

> **Latim:** [2] Surgam, et circuibo civitatem : per vicos et plateas quæram quem diligit anima mea : quæsivi illum, et non inveni. [3] Invenerunt me vigiles qui custodiunt civitatem : Num quem diligit anima mea vidistis ? [4] Paululum cum pertransissem eos, inveni quem diligit anima mea : tenui eum, nec dimittam, donec introducam illum in domum matris meæ, et in cubiculum genetricis meæ. [5] Sponsus Adjuro vos, filiæ Jerusalem, per capreas cervosque camporum, ne suscitetis, neque evigilare faciatis dilectam, donec ipsa velit. [6] Sponsa Pone me ut signaculum super cor tuum, ut signaculum super brachium tuum, quia fortis est ut mors dilectio, dura sicut infernus æmulatio : lampades ejus lampades ignis atque flammarum. [7] Aquæ multæ non potuerunt extinguere caritatem, nec flumina obruent illam. Si dederit homo omnem substantiam domus suæ pro dilectione, quasi nihil despiciet eam.

Português: [2] Levantar-me-hei, e rodearei a cidade : buscarei pelas ruas e praças públicas aquelle a quem ama a minha alma : busquei-o, e não no achei. [3] Os guardas, que rondão a cidade, me encontrárão, e eu lhes disse : Vistes por ventura aquelle, a quem ama a minha alma? [4] A poucos passos, que me tinha apartado d'elles, achei eu aquelle, a quem ama a minha alma : afferreí d'elle : nem no largarei, até o não introduzir em casa de minha mãi, e levar á camara d'aquella que me gerou. [5] Eu vos conjuro, filhas de Jerusalem, pelas cabras montezas, e veados do campo, que não perturbeis á minha amada o descanço, nem na façais despertar, até que ella se queira erguer. [6] Põe-me a mim como hum sello sobre o teu coração, como sello sobre o teu braço, porque o amor he valente como a morte, o zelo do amor he inflexivel, como o inferno : as suas alampadas são humas alampadas de fogo, e de chammas. [7] As muitas aguas não pudérão extinguir a caridade : nem os rios terão força para a affogar : se hum homem der todas as riquezas de sua casa pelo amor, elle as desprezará, como se não tivera dado nada.

Nota

«O Cântico dos Cânticos, de onde se tirou esta epístola, é uma parábola continuada, na qual, debaixo de expressões alegóricas, se encerram os espirituais mistérios da união do Verbo com a natureza humana na Encarnação e da do Homem-Deus com a Igreja, sua santa esposa.»

Reflexões

Levantar-me-ei e darei volta à cidade. É certo que não se encontra a Deus na ociosidade, na poltronice, na preguiça e na desidiosa inação. Os mais preguiçosos e desleixados, os corações imortificados e regalões, os espíritos tíbios e ociosos em vão buscam o Esposo celestial numa vida inútil e regalada; estejam certos de que jamais o encontrarão.

Não, não se toma o gosto a Deus entre as delícias de uma vida inteiramente mundana; só em meio das cruzes, entre as humilhações e os abatimentos, nos exercícios duros e penosos da penitência se encontra aquele consolo espiritual, aquela interior doçura que produz numa alma inocente a presença do divino Esposo; qualquer outro caminho é extravio. Não gosta Deus de servos ociosos. Em vão se o busca nas ruas e nas praças públicas; o bulício e o tumulto não são de seu agrado; ama a solidão e o retiro. Uma vida buliçosa nunca foi nem pode ser muito interior; não é possível gostar de Deus em meio da dissipação. Pede a esposa notícias de seu amado aos guardas da cidade, isto é, como expõe São Bernardo, aos sentidos exteriores. Dirige-se mal para adquiri-las, porque estes nem conhecem o que busca nem têm notícia de seus caminhos. As almas sepultadas nos sentidos continuamente vivem na ignorância e nas trevas. Não se comunica Deus a essas almas terrenas. *O homem animal*, diz o Apóstolo, *não conhece o espírito de Deus.* Daqui nasce o tédio com que os mundanos olham a virtude e daqui o desprezo que fazem das máximas santas do Evangelho. Se se quer tomar gosto às verdades de maior consolo que tem a religião; se se quer experimentar doce e suave o jugo do Senhor; se se querem gostar antecipadamente aqueles como lampejos da glória; se se querem perceber aquelas doçuras espirituais que o divino Esposo derrama tão liberalmente nas almas puras, é preciso elevar-se sobre os sentidos, é preciso olhar unicamente com os olhos da fé as brilhaturas e as vaidades do mundo; é preciso viver uma vida totalmente espiritual. Não há luz pura, não há sabedoria verdadeira, não há sólida virtude sem uma constante mortificação dos sentidos.

Levantando-se o espírito sobre essas nuvens densas e tenebrosas, respira-se um ar puro, goza-se um céu sereno, vive-se numa doce calma; então se acha o amado que se busca e que é toda a nossa felicidade; uma vez encontrado, procura-se com o maior cuidado não voltar a perdê-lo. Chora-se então a triste sorte daqueles que, embriagados nos falsos gostos que cedo ou tarde se lhes voltam tão amargos, naqueles bens aparentes que deixam tão vazio o coração e que, longe de satisfazê-lo, lhe excitam mais a sede, vivem cada dia mais e mais famintos; então mal se pode compreender como há almas ilustradas com as luzes da fé que gemam toda a vida sujeitas à triste tirania das paixões. A morada do Esposo é a celestial Jerusalém; nela há de entrar algum dia para gozar a sua vista a glória preparada aos que o amam e para embriagar-se naquela torrente de delícias que o Senhor nos tem prometidas. A alma pura e desprendida dos sentidos pelo exercício de uma vida tão espiritual goza já desde esta vida aquelas doçuras inefáveis. Esta é a ditosa sorte dos que amam ardentemente a Jesus Cristo neste mundo. Oh, e que suavíssimos consolos faz gostar, ainda nesta vida, este amor terno, constante e generoso!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 7 de São Lucas.

Lucas 7,36-50

> **Latim:** [36] Rogabat autem illum quidam de pharisæis ut manducaret cum illo. Et ingressus domum pharisæi discubuit. [37] Et ecce mulier, quæ erat in civitate peccatrix, ut cognovit quod accubuisset in domo pharisæi, attulit alabastrum unguenti : [38] et stans retro secus pedes ejus, lacrimis cœpit rigare pedes ejus, et capillis capitis sui tergebat, et osculabatur pedes ejus, et unguento ungebat. [39] Videns autem pharisæus, qui vocaverat eum, ait intra se dicens : Hic si esset propheta, sciret utique quæ et qualis est mulier, quæ tangit eum : quia peccatrix est. [40] Et respondens Jesus, dixit ad illum : Simon, habeo tibi aliquid dicere. At ille ait : Magister, dic. [41] Duo debitores erant cuidam fœneratori : unus debebat denarios quingentos, et alius quinquaginta. [42] Non habentibus illis unde redderent, donavit utrisque. Quis ergo eum plus diligit ? [43] Respondens Simon dixit : Æstimo quia is cui plus donavit. At ille dixit ei : Recte judicasti. [44] Et conversus ad mulierem, dixit Simoni : Vides hanc mulierem ? Intravi in domum tuam, aquam pedibus meis non dedisti : hæc autem lacrimis rigavit pedes meos, et capillis suis tersit. [45] Osculum mihi non dedisti : hæc autem ex quo intravit, non cessavit osculari pedes meos. [46] Oleo caput meum non unxisti : hæc autem unguento unxit pedes meos. [47] Propter quod dico tibi : remittuntur ei peccata multa, quoniam dilexit multum. Cui autem minus dimittitur, minus diligit. [48] Dixit autem ad illam : Remittuntur tibi peccata. [49] Et cœperunt qui simul accumbebant, dicere intra se : Quis est hic qui etiam peccata dimittit ? [50] Dixit autem ad mulierem : Fides tua te salvam fecit : vade in pace.

Português: [36] E lhe rogava hum Fariseo que fosse a comer com elle. E havendo entrado em casa do Fariseo, se assentou á meza. [37] E no mesmo tempo huma mulher peccadora, que havia na cidade, quando soube que estava á meza em casa do Fariseo, levou huma redoma de alabastro cheia de balsamo: [38] e pondo-se a seus pés por detrás d'elle, começou a regar-lhe com lagrimas os pés, e os enxugava com os cabellos da sua cabeça, e lhe beijava os pés, e os ungia com o balsamo. [39] E quando isto viu o Fariseo, que o tinha convidado, disse lá consigo fazendo este discurso: Se este homem fóra profeta, bem saberia quem, e qual he a mulher que o toca: porque he peccadora. [40] Então respondendo Jesus lhe disse: Simão, tenho que te dizer huma cousa. E elle respondeo: Mestre, dize-a. [41] Hum crêdor tinha dous deveedores: hum lhe devia quinhentos dinheiros, e outro cincoenta. [42] Porém não tendo os taes com que pagarem, remittio-lhes elle a ambos a dívida. Qual pois o ama mais? [43] Respondendo Simão, disse: Creio que aquelle, a quem o crêdor perdoou maior quantia. E Jesus lhe disse: Julgaste bem. [44] E voltando para a mulher, disse a Simão: Vês esta mulher? Entrei em tua casa, não me déste agua para os pés: mas esta com as suas lagrimas regou os meus pés, e os enxugou com os seus cabellos. [45] Não me déste osculo: mas esta, desde que entrou, não cessou de me beijar os pés. [46] Não ungiste a minha cabeça com balsamo: e esta com balsamo ungio os meus pés. [47] Pelo que te digo: Que perdoados lhe são seus muitos peccados, porque amou muito. Mas ao que menos se perdoa, menos ama. [48] E disse-lhe a ella: Perdoados te são teus peccados. [49] E os que comião alli começárão a dizer entre si: Quem he este que até perdoa peccados? [50] E Jesus disse para a mulher: A tua fé te salvou: vai-te em paz.

Meditação

Modelo da verdadeira penitência e do perfeito amor de Jesus Cristo em Santa Maria Madalena

Primeiro ponto

Considera que não houve no mundo modelo mais perfeito da verdadeira penitência que o da Madalena; toda penitência que não se pareça com ele é falsa. Foi penitência pronta, generosa e foi eficaz. Pronta para vencer todas as dilações que são tão comuns nos pecadores; generosa para triunfar de todos os estorvos e para atropelar por todos os respeitos humanos que tanto os costumam acovardar; eficaz para sacrificar valorosamente a Deus tudo o que foi matéria e ocasião de pecado. *Tão depressa como conheceu*, diz o evangelista, isto é, no mesmo ponto em que Deus lhe abriu os olhos e a graça moveu o coração, renunciou a culpa. Não se detém, não delibera, não dá ouvidos ao espírito do mundo, nem à repugnância natural, nem a outras muitas considerações que a desviam de seu intento. Não espera tempo mais oportuno nem ocasião mais favorável; não busca outro lugar onde faça menos ruído sua conversão. Prudência do século, capciosos discursos, pretextos especiosos, quantas conversões fazeis abortar! Em matéria de conversão não há dilação que não seja uma espécie de impenitência. A menor dúvida em matéria de fé é não crer; e a menor dilação em ponto de penitência é verdadeiramente não converter-se. Logo que a Madalena conheceu o lastimoso estado de sua alma, *ut cognovit*; logo que entendeu onde encontraria o Salvador, parte, corre, entra intrepidamente na sala, arroja-se aos pés de Jesus Cristo, rega-os com suas lágrimas sem dar-se-lhe nada pelos concorrentes. Não é já uma penitência tímida que se recata, que se disfarça, que quer atemperar-se a tudo, porque de todos se receia; é uma penitência intrépida, resoluta, generosa, que só se aconselha com sua salvação. Não se logrou jamais vitória mais completa, triunfo mais cabal dos respeitos humanos, do amor-próprio e do orgulho; com uma só ação sacrificou tudo o que podia lisonjear sua ambição, sua reputação e sua delicadeza. Não se envergonhou de parecer arrependida, somente se ruborizou de ter sido pecadora; fez que servisse à justiça, à penitência e à virtude tudo o que havia sido instrumento ou fomento do pecado. Madalena aos pés do Salvador, diz Santo Agostinho, é um ídolo do mundo convertido em vítima e sacrificado ao verdadeiro Deus. Consagrou a seu serviço tudo o que havia contribuído para sua perdição. Haviam-na perdido seus olhos? Pois deles tira lágrimas que hão de contribuir para salvá-la; haviam estes acendido em seu coração o amor do mundo? Pois brotam deles torrentes que apagam este impuro fogo. Os perfumes, as joias, os preciosos licores que foram incentivos da profanidade e da sensualidade já são sacrifícios da penitência. Este é o modelo de uma verdadeira conversão; mas é este o modelo da nossa? Esses projetos de conversão sempre dilatados; esses vãos temores, essas reservas, essa covardia à vista do menor estorvo, essa adesão a tudo o que é assunto e motivo de arrependimento, tudo isto é boa prova de que estamos verdadeiramente convertidos?

Segundo ponto

Considera que o amor de Deus é inseparável de uma verdadeira conversão e que pelos efeitos deste amor se há de fazer juízo seguro da sinceridade e do mérito da penitência. Observa bem uma e outra coisa na conversão da Madalena. Boa prova é seu amor a Jesus Cristo. Que amor tão abrasado, que generoso! Seguir o Salvador quando obrava maravilhas era fácil; então era imenso o número de seus discípulos; mas o prendem, cai, por dizê-lo assim, em desgraça dos homens; quase todos o abandonam; mas a fina Madalena não segue este covarde exemplo: amava a Cristo, e não a seus milagres; por isso o acompanha até o pé da cruz no monte Calvário. Adora-o e ama-o em meio de seus opróbrios; ama-o ainda depois de morto. Com que impaciência espera que passe o dia do sábado para ir render-lhe as últimas honras! Mas acaso esta generosa amante não previa as dificuldades nem tinha presentes os estorvos? De nenhum modo; põe-se a caminho, e logo se lhe oferece se poderia mover a lápide que cobria o sepulcro. Bastava este invencível impedimento para que uma mulher moça e delicada voltasse atrás; um corpo de guarda, uma pedra de enorme peso, o selo do príncipe, todas eram razões poderosas para que não passasse adiante; muito menos seria preciso hoje para acovardar e para desalentar a muitas pessoas devotas. Todas eram dificuldades insuperáveis, sim, para quem tem uma fé lânguida e pouco segura, um amor de Deus tíbio e desmaiado; mas a quem o ama sem reserva, a confiança lhe infunde um maravilhoso valor, e ela lhe serve de tudo. Também é certo que nenhuma coisa move mais o Salvador a fazer grandes prodígios que um amor generoso e uma viva fé. Logo que Madalena se resolve a passar adiante, fogem os soldados e abre-se o sepulcro. Assim se aplainam, Deus meu, as maiores dificuldades quando se quer com resolução abraçar vosso serviço; assim desaparecem todos os estorvos quando a alma se resolve deveras a vencê-los e vós vedes um coração determinado e ardente. Mas quem obrigava a Madalena a uma vida tão penitente depois da ascensão do Senhor? Não estava muito segura de que se lhe haviam perdoado todos os seus pecados? Pois a que fim macerar seu corpo com tão rigorosa penitência? É que amava a seu Deus com abrasado amor; é que tinha continuamente diante dos olhos a Jesus crucificado e queria cumprir em sua carne, como se explica o Apóstolo, o resto da paixão de seu divino Mestre; é que sabia que a cruz era nesta vida a herança dos verdadeiros cristãos.

Mas reconhecemos nós neste retrato nosso amor a Jesus Cristo? Achamos neste modelo o de nossa conversão e nossa penitência? Não sabendo se nos perdoou Deus nossas culpas, que fazemos para satisfazer por elas? Quais são nossas mortificações? Qual nossa penitência? Estéreis desejos, frívolos projetos de conversão que só servem para amodorrar a alma em seu infeliz estado. Vive-se numa eterna irresolução e indeterminação, como se se pudesse tomar outro partido. Mas nosso pouco amor de Deus nesta vida não será triste presságio da eterna infelicidade que nos espera na outra?

Não permitais, Senhor, que me suceda esta desdita: motivo me dá para temê-la minha passada covardia; mas me anima a esperar tudo de vossa imensa bondade a confiança que tenho em vossa misericórdia infinita e o exemplo de Santa Maria Madalena.

Jaculatórias

> *Quis mihi det ut inveniam te!* Ct 8.

Ó amado meu de minha alma, quem me dera achar-te para não apartar-me de ti em todos os dias de minha vida!

> “ *Inveni quem diligit anima mea: tenui eum, nec dimittam.* Ct 3.

Achei o amado de meu coração; estreitei-o entre meus braços e jamais permitirei que se aparte de mim.

Propósitos

1. O primeiro caráter da verdadeira penitência é a prontidão em corresponder ao movimento da graça quando se trata de conversão; a dilação e a deliberação nesta matéria dão motivo para temer que jamais chegue o caso de converter-se. Confessar que é preciso fazê-lo e dilatá-lo para outro tempo é, uma de duas: ou não lhe dar a um nada o morrer sem converter-se, e isto é impiedade; ou prometer-se que terá tempo para fazê-lo, e isto é presunção. Foge de uma e de outra. Poucos há que não tenham necessidade de vencer alguma paixão, de reformar seus costumes, de romper algum mau hábito, de corrigir algum vício, de fazer alguma restituição e de acalmar os justos remorsos da consciência com uma boa confissão; numa palavra, poucos que não tenham necessidade de converter-se. Não dilates um momento tua penitência. Que dor seria a tua se estes salutares conselhos que estás lendo fossem os últimos avisos que te dá Deus! Ele é o que te dá este pensamento e te faz esta advertência; não os desprezes; carregado estás de maldades e de dívidas a sua divina justiça; bem sabes onde hás de achar o Salvador; não dilates para amanhã o ir buscá-lo e arrojar-te a seus pés.

2. É preciso, diz São Paulo, que o que foi matéria de pecado o seja de penitência; aquilo mesmo que deste ao mundo quando eras escravo seu, o hás de dar agora a Deus; as mesmas coisas que serviram à vaidade e ao deleite hão de servir daqui em diante à virtude e à religião; sem isto a conversão é duvidosa, é caduca, é aparente. Quantas galas custosas! Quantos móveis supérfluos! Quantos gastos inúteis! Faze em pedaços esses vasos de alabastro, derrama esses bálsamos preciosos aos pés de Jesus Cristo; quer dizer, redime com esmola teus pecados. Que consolo seria o teu na hora da morte se tivesses vendido essas joias, esse aparato da vaidade e da profanidade para adorno dos altares e para sustento dos pobres! Consolará muito a um moribundo deixar a seus filhos com que eternizar a profanidade na família? Sacrifica ao Senhor antes da morte tudo o que serviu de fomento ao orgulho.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:50:35 by Admin
Updated 20 November 2026 20:50:35 by Admin